

# A SEMANA

JORNAL LITTERARIO, SCIENTIFICO E NOTICIOSO.

Vol. I.

DOMINGO 17 DE FEVEREIRO DE 1856.

N. 11.

## PARTE LITTERARIA.

### A SERRA DE PARANAPIACABA.

A poesia, que vamos transcrever, é uma das felizes inspirações de um de nossos primeiros poetas o Sr. Dr. João Cardoso de Menezes e Sousa, autor da HARPA GEMEDORA, e de outros escriptos de muito e reconhecido merito.

A serra de Paranapiacaba, vulgarmente chamada serra de Santos, é uma das paizagens mais pittorescas, que se observa ao longo da costa do Brasil. E' um baluarte gigante entre o mar e os campos famosos de Piratininga; é tambem um dos lugares de muitas recordações historicas, porque, por suas ingremes escabrosidades subiram os jesuitas, sedentos de almas para o gremio do catholicismo, e os imboabas sedentos de ouro e de dominio.

D'um livro inedito « as RECORDAÇÕES DE VIAGEM » do Snr. F. M. Raposo de Almeida copiámos o seguinte a respeito da serra de Paranapiacaba, que pôde servir como nota explicativa á sublime e inspirada poesia do Snr. Dr. João Cardoso.

« A serra de Paranapiacaba é de um aspecto pittoresco; é uma das paizagens, em que a natureza dos tropicos se ostenta com todas as pompas da vegetação, com toda a solemnidade das recordações historicas.

« A collossal e immensa encosta, que se espelha nas agoas do mar, é toda revestida de alto e espesso arvoredo de variegadas cores. Os regatos que se despenham, ou murmuram a linguagem poetica da solidão, o canto dos passaros de plumagem multicolor, a catadupa do rio das pedras a resaltar pelos rochedos da quebrada, a detonação rouca e sombria da sua queda, o murmurar longinquo do mar, tudo isto fórma um quadro, em que se retrata a magestade de uma natureza immensamente magestosa.

« Mas todo o aspecto deslumbrante de um vasto e magnifico panorama desfructa-se do alto ou pico, que é o lugar mais elevado da serra. Ahi, no derramar os olhos por esse quadro de sublime mages-

tade, a alma inspira-se e extasia-se. O mar, que é a primeira maravilha da natureza, fórma aqui o centro da paizagem: elle descortina-se por uma vasta extensão, no fim da qual parece entestar com o céo.

« A costa do atlantico corre á direita e á esquerda, como para formar a moldura d'este painel; e as ilhas que o matizam assemelham-se a aves gigantes, encontrando-se e cruzando-se nos seus vôos.

« A velha povoação de S. Vicente, a maravilha archiologica, a Eva de todas as povoações da provincia, lá está como uma velha fidalga, a quem despojaram de seus solares, mas que ainda conserva nobreza no meio de seu abatimento: uma data chronologica é o seu pergaminho de hierarchia historica.

« Santos, a fidalga moderna, condecorada e enobrecida com os foros de cidade, está encostada ao serro de Monserrate, como a serva domestica deitada junto a um comoro de terra.

« As praias, os rios, as toças de verdura, os renques de arvores, os canaes, as barras Grande e da Bertioiga, tudo isto assemelha-se a um kaleidoscopio magico, tudo isto fórma um quadro que se olha, e se admira, mas que não se pôde comprehender nos pormenores, nem descrever na linguagem humana. »

Depois da leitura d'este excerpto vejamos a inspiração poetica, que esta paizagem soube produzir.

### POESIA.

Subio a escabrosissima serra de Paranapiacaba... Encurva-se n'esta paragem a mencionada terra firme, composta de serras altissimas, com a figura de arco imperfeito, e comprehende no seu semicirculo as ilhas e laga-mar.

(Frei Gaspar da Madre de Deos, « Memorias para a historia da capitania de S. Vicente, § 114. )

Dorme, repousa em teu somno,  
Da força assombroso emblema,  
Que tens o oceano por throno,  
Eas nuvens por diadema.  
Immovel, silenciosa.  
Ergues a fronte orgulhosa.



Ao solio da tempestade,  
E os preludios da tormenta  
Vás ouvir, de medo isenta,  
Do espaço na immensidade.

Salve, soberbo gigante,  
Altivo Titão do mar,  
Que a teus pés triste descante  
Oúves a vaga entoar.  
Em teu manto de esmeraldas  
Involves as vastas faldas,  
Eas empinadas cimeiras  
Ea brisa te agita os cachos,  
Eos verdejantes pennachos  
Da corôa de palmeiras.

Teus troncos, gravados do sello do tempo,  
Agitam aos ventos as soltas madeixas,  
Quaes harpas eolias, sossurram nos ares  
Canções magoadas, sentidas endeixas.

E's berço do raio, sublime harmonia  
Entôa em teu seio o trom dos trovões.  
E os echos, ao longe, repetem em côro  
A orchestra tremenda de roucos tufões.

Do raio ao ribombo horrendo,  
E ao som do trovão, que estruge,  
De pavôr estremecendo,  
A feroz panthéra ruge.  
Une-se á orchestra assombrosa  
Uma nota sonora,  
Que do fundo abysmo sahe...  
E' o som da cataracta,  
Que, em alvos flocos de prata,  
N'um leito de pedras cahe.

Que magestade sublime!  
Que pomposa poesia!  
Jehová seu dedo imprime  
N'esse quadro de magia!  
Essa cascata da serra  
Parece um hymno, que a terra,  
Espontanea, aos céos eleva;  
Então noss'alma se humilha,  
E, ao vêr essa maravilha,  
Na gloria de Deos se enleva.

Ocultas nas veias, ó serra fragosa,  
De ouro e de gemmas thesouro infinito,  
Retalham teu solo torrentes sem conto,  
Que nascem das urnas de rijo granito.

Povoam-te as selvas e negras gargantas  
Innumeras feras e enormes reptis,  
Ahi cantam aves, que as côres do iris  
Desdobram nas azas de vario matiz.

Horriveis despenhadeiros  
Profundos, vertiginosos,  
São os degrãos altaneiros  
De teus tergos magestosos.

A's vezes de horrendo tombo  
Se escuta o surdo ribombo,  
Que ao longe resôa á espaços...  
E' despegado rochedo,  
Que no erriçado fraguado,  
Se vai fazendo em pedaços.

Além que plaino asulado  
Se prende no azul dos céos?  
E' o mar, que encapellado,  
Ergue os moveis escarcéos;  
Então a vista desmaia  
No espaço, que além se espraia,  
A' perder-se no infinito;  
E esse immenso panorama  
Do Eterno o nome proclama,  
Na face da terra escripto.

Desenham-se ás vezes, arfando nas ondas,  
As velas de um barco, da brisa enfunadas,  
Quaes alvas gaivotas, que a flôr do oceano,  
Brincando, desflóram co' as azas nevadas.

Dos topes aerios estreitos e golfos  
Semelham regatos, talhando as campinas,  
Quaes pontos esparsos desdobram-se aos olhos  
As casas e torres, ilhéos e collinas.

De teu pico o sol dourado  
Se balança á fulgurar,  
E o seu clarão desmaiado  
Verte á lua sobre o mar.  
Outro céu de anil scintilla  
Na superficie tranquilla  
D'esse espelho fulgurante,  
E embaixo, a vaga chorosa  
Beija a arêa, preguiçosa,  
Morrendo em flor alvejante,

Quem sabe si o cataclysmo,  
Que punio a humanidade,  
Não te fez surgir do abysmo  
Das ondas na immensidade?  
Quem sabe, fragosa serra,  
Se és coetanea da terra,  
E do berço oriental?  
Quem sabe de quanta vida  
Tu foste a extrema guarida  
No diluvio universal?

Plantou-te nos mares o braço divino,  
Ingente montanha barreira das ondas.  
Quem dera perder-me contigo nas nuvens,  
Tambem devassando misterios, que sondas.

Prodigios, que encerras, são cordas sonoras  
De uma harpa sublime de maga harmonia,  
Que os hymnos que exhala, perenne descantam  
A gloria do Eterno de noite e de dia.



## PARTE BIBLIOGRAPHICA.

### ALMANAK DE LAEMMERT.

Acabamos de receber e examinar o *ALMANAK administrativo, mercantil e industrial da corte e provincia do Rio de Janeiro, para 1856* pelo Snr. EDUARDO LAEMMERT.

Esta interessante publicação, que é um auxiliar immenso para esta, já tão grande população, é também de muito alcance para a confecção de uma boa estatística. Sob aquelles dados póde-se hoje com notavel facilidade levantar approximadamente um quadro estatístico da capital, e também das principaes povoações da provincia.

Só notámos com magôa que o *ALMANAK* não tenha buscado dar a estatística da população nas suas diferentes classes de idades e côres, de estados e condições; porque então o reputariamos completo. Desculpámos, porém, esta falta do incansavel redactor; porque o governo por si nada tem feito para auxiliar, ao menos, as tentativas dos particulares em suas investigações estatísticas.

A lei do senso, contra cuja execução houve um clamôr, que se crusava de todos os angulos do imperio, e que aconselhou a sua suspensão politica, era em nosso entender, uma grande medida administrativa; e em grande parte, os clamores contra essa lei providente, contra essa primeira pedra angular do edificio da estatística, são bastante exagerados.

Ainda para o interior, onde a povoação está infelizmente tão disseminada, poderia supportar algumas modificações, mas no Rio de Janeiro, nas capitães de provincias, em todas as povoações maritimas, e mesmo nas grandes povoações do interior, essa lei devia vigorar com todo o imperio; e contra os abandonadores de cadaveres se devia proceder com o maior rigôr; porque esses factos importavam, além de uma transgressão acintosa, uma escandalosa demoralisação. Repetimos pois que lamentamos, que essa lei, em vez de modificada, fosse suspensa. Em quanto ella não vigorar, nunca teremos uma estatística, nem mesmo um ponto de partida para ella.

Os presidentes de provincia deviam consagrar com empenho um de seus principaes cuidados administrativos á confecção da estatística dos lugares de suas administrações; e ser-lhes-hia isso muito

facil, mesmo independente de verba especial no orçamento, consagrando a este fim um dos mais habéis officiaes de suas secretarias. Nos differentes relatorios, que temos visto, quasi todos os administradores de provincia reclamam das respectivas assembleas uma verba para organização da estatística: crêmos, porém, que nenhuma provincia do imperio, além da do Rio de Janeiro, e do Maranhão, estará habilitada a de prompto tratar d'essa organização, por isso mesmo que tem já seus almanaks.

A base de uma estatística é um almanak. Elle serve como de pedra de correcção, é, para melhor nos exprimirmos, um-cadinho, em que se vão apurar as materias estatísticas; e o publico é o primeiro, e o mais infalivel corrector dos Almanaks.

Do primeiro almanak do Snr. Laemmert ao presente, de que nos occupámos, vai uma grande differença para melhor, e assim deveria de ser; porque a experiencia de treze annos traz muitos esclarecimentos proveitosos.

Concluimos estas rapidas observações, felicitando o Snr. Laemmert, pelo empenho tenaz e louvavel com que prosegue na sua collecção de almanaks.

Recommendamos ao publico o que acaba de publicar-se; porque, além da exactidão do pessoal das differentes repartições e estabelecimentos publicos e commerciaes, vem acompanhado de um interessante supplemento de peças officiaes muito recommendaveis, e de noticias estatísticas muito preciosas.

Um trabalho muito interessante, e muito curioso seria sobre os dados verificados do almanak do Snr. E. Laemmert, confeccionar um resumo, uma somma estatística, que, n'um relancear de olhos, nos apresentasse o numero total de empregados de fazenda, civis, militares, de estabelecimentos commerciaes, de instituições, etc.

Este trabalho seria um bom epilogo, uma boa pagina de supplemento para o almanak de 1857. O incansavel redactor, que com uma paciencia proverbial se tem dado a estas indagações estereis, e impertinentes aproveite esta lembrança, se a julgar admissivel, e exequivel.

Os differentes relatorios das presidencias das provincias são minas em que o Snr. E. Laemmert póde colher muitos dados estatísticos, embora incompletos. Em estatística nunca póde dar-se a infallibilidade, por que o continuo movimento de nascimentos, ou obitos, de decadencia ou progresso, é um thermometro infiel, e pouco seguro.



Ha tempos creou-se uma associação com o fim e a missão litteraria de consagrar-se á estatística. Na personificação d'esse pensamento viam-se alguns dos nossos primeiros caracteres politicos e litterarios; mas o máu fado que preside a todas as nossas empresas litterarias, fez morrer de inanição a essa instituição que tantos serviços podia prestar ao governo, e ao Instituto Historico.

E o que tem feito os governos a este respeito?

Nada.

O que temos sobre estatística são os treze volumes do Snr. E. Laemmert, mas estes volumes são auxiliares de estatística e não a estatística.

Que se console o Snr. Laemmert, no meio das difficuldades do seu trabalho, com a grata satisfação de que elle faz mais isolado, do que o governo com os immensos auxiliares de que podia dispôr.

## PARTE NOTICIOSA.

### COMPANHIA DE ILLUMINAÇÃO A GAZ.

No dia 5 do corrente reuniram-se os seus accionistas sob a presidencia do Snr. barão de Mauá.

Do conciso e animador relatorio, que foi publicado nas folhas diarias extrahimos o seguinte trecho sobre cujas cifras pedimos a attenção dos leitores.

« Em 30 de junho funcionavam 1837 lampeões da illuminação publica: em 31 de dezembro achavam-se collocados 2205. Na mesma data estavam illuminadas a gaz 2026 casas particulares e edificios publicos, mostrando um augmento de 545 casas no ultimo semestre.

Continúa a demanda para a collocação deapparelhos, e estando hoje a companhia habilitada com um forte pessoal a executar com mais presteza as encomendas, cessarão as demoras na collocação dos apparelhos, que bastante desanimavam os consumidores que anhelavam ver de prompto introduzidas em suas casas a bellissima luz do gaz: hoje póde a companhia satisfazer em poucos dias as exigencias que lhes são feitas.

Do balanço geral que se acha sobre a mesa, vereis que em 31 de dezembro existiam

Em apparelhos . . . . .	311:983 \$ 060
Carvão . . . . .	140:761 \$ 860
Dividas, . . . . .	159:496 \$ 840
Rs.	612:241 \$ 760

Os lucros liquidos no semestre elevaram-se a rs. 95:895 \$ 470, o que permittiu o dividendo de 13 \$ 500 por acção, ou na razão de 9 \$ 945 por cento ao anno sobre o fundo effectivo em relação ás épocas das respectivas entradas; pois, como sabeis, do capital da companhia rs. 600:000 \$ 000 foram recolhidos em 30 de agosto em conformidade da vossa votação de 3 de mesmo mez. »

### BRAZIL PITTORESCO E MONUMENTAL.

Até ao fim do presente mez se publicará uma obra, de que já tanto se carecia no estado de nossa civilização. O *Brasil Pittoresco e Monumental* vem preencher uma grande lacuna, vem mostrar a estranhos e naturaes, que não ha a admirar sómente entre nós, o luxo e a magestade de uma natureza tropical, mas tambem estudar alguns monumentos que representam uma época historica e phases artisticas.

O Snr. Eduardo Rensburg é o proprietario e editor d'esta obra; e o Snr. F. M. Raposo d'Almeida o seu principal redactor. O estado de progresso, a que está elevado o estabelecimento da LITOGRAPHIA IMPERIAL, a pontualidade, esmero, e louvavel desempenho, com que o seu proprietario corresponde ás encomendas, que se lhe faz, são uma garantia para o acolhimento da empreza que annunciamos. A posição que n'esta folha occupa o Snr. Raposo d'Almeida nos veda dizer cousa alguma sobre o desempenho da parte descriptiva e explicativa do *Brasil Pittoresco e Monumental*.

Eis aqui as proprias palavras do prospecto.

« Todos os paizes, onde as bellas artes se acham mais ou menos desenvolvidas, possuem preciosas colleções de estampas, onde se representam não só os seus principaes monumentos, como tambem os pontos de vista pittorescos de seus arrebaldes e as scenas de costumes dos diversos grupos de povo que formam as suas nacionalidades.

Entre nós, muito pouco, ou quasi nada temos n'este sentido. Algumas lithographias de grandes dimensões e elevado preço, soltas e avulsas, ou pequenos trabalhos d'este genero publicados em jornaes transitorios, é tudo quanto possuimos para nós, e sobretudo para os estrangeiros que desejam conhecer os nossos edificios mais notaveis e os paineis arrebatadores, que por toda a parte offerece a poetica e magestosa natureza do solo americano.

E' preencher esta lacuna o fim que tem em vista



a publicação do BRAZIL PITTORESTO E MONUMENTAL.

A utilidade d'esta empresa não se limita sómente a offerecer aos curiosos uma bella collecção de quadros que não só pódem servir para adornar as paredes de uma galleria, como também para enriquecer as estantes de uma bibliotheca, mas tem ainda o merecimento de facultar aos donos de chcaras e aos proprietarios de edificios, que pela sua posição ou utilidade mereçam ser estampados na pedra lithographica, o prazer de as verem por este modo duplamente dignas de attrahirem a attenção publica.

A publicação será feita por meio de quadernos mensaes, contendo quatro estampas cada um, acompanhadas de uma folha impressa com uma noticia succinta das vistas que se publicarem de cada vez.

A subscrição é de 2\$ 000 rs. por mez, paga em semestres adiantados.

Recebem-se as assignaturas em casa do editor, Eduardo Rensburg, na lithographia imperial, rua d'Ajuda n.º 68. »

## REVISTA SEMANAL.

### CORRESPONDENCIA FAMILIAR.

#### CARTA IV.

(Ao voar da penna.)

MEU CARO AMIGO.—O carnaval deixou-nos a todos n'uma especie de atordoamento. Assim devia de ser: depois da acção a reacção, depois do movimento vertiginoso o repouso recuperador. A nossa aristocracia saborêa as recordações felizes d'essas bellas noites de aventuras em jogo de palavras; os funcionarios voltaram ao cepo do trabalho, os negociantes, especialmente os *commendadores*, voltaram ás operações, rasmungando o tempo e o dinheiro que perderam; e que as bellas filhas lhe fizeram perder n'essas veleidades carnavalescas, os filhos do trabalho, como eu, lamentam a brecha que esses quatro loucos dias vieram abrir na regularidade da tarefa, os pobres, que vão uma só vez á loja, buscam resarcir o deficit das mascaradas. Até a posta, por onde lhe remetto esta, se resentiu do atordoamento, porque só agora é que se está publicando a minha anterior. Não foi só á imprensa pequena que chegou esta mazella: o jornalismo

colossal, o jornal-lençol, também deu a sua gazeta, sem ao menos prevenir os amaveis leitores: emfim em tempos taes, desculpa para tudo, e por tudo.

**Theatro lyrico.**—As altas partes cantantes acham-se harmonisadas: entabularam-se negociações de bastidor, e assignou-se protocolo, em que o *Ernani* ficará com duas Donas Soes, e o D. Silva sem nenhuma. O templo das bagatellas não é uma ficção, meu amigo, a sua realidade está no theatro lyrico. Tanto artigo bonito, tanto affan, e tanto barulho apimentado, e por fim de contas o *Ernani* é para ser cantado por quem puder, ou quizer, embora isso transtorne os caprichos de quem póde ser caprichoso ou caprichosa.

E também mal a Snra. La Grua permittiu que a nova prima dona cantasse a opera em questão, o theatro foi logo concedido pela *generosa* directoria á empresa do Snr. João Caetano, não com quatro recitas por mez, como elle pedia, mas com oito, como elle não deixa de aceitar, e o publico de apreciar.

**Theatros dramaticos.**—Se me consultassem sobre o drama, com que a *desapontada* companhia de São Pedro deveria estrear, depois do cataclysmo porque passou, eu seria de voto que fosse com o drama—Ha 16 annos ou os *Incendiarios*.—E de certo havia fazer *furor* ver o *malandro* ou *malandros* alirarem para o palheiro as suas *milagrosas pilulas*!... Mas em vez dos *Incendiarios* teremos a *Dama de São Tropez*, em que o Snr. João Caetano ostenta os poderosos recursos do seu genio artistico. E' ocioso dizer-vos que serei indefectivel para apreciar esse bello drama e a sua execução, se é que os *nhonhós* dos camarotes não desconcertarem com os seus berros as melhores situações dramaticas, e as mais apreciaveis notas lyricas, como agora está em uso corrente e vulgar, com o *placet* da policia.

O Gymnasio dramatico; vulgo *theatro de variedades francezas*, deu-nos ultimamente dois dramas novos, a *Irmã do Cégo*, e a *Dama das Camélias*. Só agora é que vos poderei dizer a impressão que elles me causaram. A *Irmã do Cégo*, é uma das cousas mais desconxavadas, e mais despropositadas que tenho visto. Não me foi facil atinar com o pensamento do drama, nem pude apreciar a ligação do enredo: é um drama de muitos episodios, e em todos elles se nota um fundo e sórma de immoralidade.

Um respeitado negociante, abusa da hospitalidade, da amizade cega de um cégo, infama-lhe a irmã,



sendo casado, e por conveniencia. Agora o desenlance. Chega a noticia da morte da mulher casada, e o seu marido exulta de alegria, agradece aos céos aquella morte, e caza com a seduzida. Um honesto operario é burlado, e uma moça interesseira e coquette é dada em premio ao pobre cégo. Eis aqui em summa o que é o drama: — quem o escolheu póde tirar *brevet de invention*.

A execução esteve mediocre, a fóra o Snr. Amoedo que desempenhou o seu papel o melhor que podia.

O mesmo não dírei da impressão que me causou a *Dama das Camélias*.

E' um drama muito espirituoso, talentosamente escripto, e bem desempenhado pela Snra. Gabriella.

**Estréas lyricas.**—Debutaram finalmente o *primeiro soprano dramatico absoluto de primo cartello*, e o baixo também *absoluto*. A prima-dona foi infeliz na estréa. A sua voz pareceu-nos na verdade embaciada; mas as desagradaveis impressões e reserva com que foi recebida concorreram para a infelicidade da estréa. O partido lagruista cantou logo a palinodia, e o Sr. Susini, não só pelo seu merecimento real, mas muito especialmente por um acinte á *concurrente* foi explosivamente victoriado, a ponto de elle mesmo se admirar, e desconfiar da esmola. Parece-me que o tempo mostrará que o Sr. Susini é um excellent baixo, mas fatiga-se falcilmente. A Sra. Stefenoni pareceu-nos na figura com a Sra. Casaloni, mas as impressões do harmonioso e extenso contralto só ella as sabe produzir. A infeliz aquisição da Sra. Stefenoni não decidirá ainda á caprixosa, e trapaceira directoria recontratar uma artista de tanto merito?

Perdulária como tem sido quer agora a trindade directora fazer salvaterio á custa do publico?

Não lhe basta as flagrantes e escandalosas transgressões do contracto quer reduzir o publico a pessimos cantores, rediculo e estragado scenario, e tudo isto para fazer jus aos 120:000\$000.

E o governo tolerará isto?

Tolera sim: porque o governo está na phase do *dolce fare niente*, ou do *Deus nobis hæc ocia fecit*.

Até breve.

O AMIGO DA CORTE AO DA PROVINCIA.

## VARIÉDADES.

### O THEATRO E A POLICIA.

Duas coisas bem differentes em outro tempo, mas tão bem casadas hoje, que dizer uma ou outra, é tudo o mesmo. Se pois o theatro se acha tão inti-

mamente ligado á policia por laços, não sagrados, mas indissolúveis (e ai de nós se os cortassem!); se a policia tanto a peito ha tomado cortar os abusos, enfrear os turbulentos; se o povo, conhecedor da razão, hoje abandona o selvagem uso de reprovar com insultos e projectis: — qual o motivo porque, devendo-se procurar toda a commodidade dos espectadores, a policia até hoje ainda não tomou suas medidas a respeito dos ainda não desmamados que com seus gritos pela avidez de maminha perturbam os espectaculos, incommodam o espectador, atrapalham o actor e encolerizam a *terna* mãesinha?!

O theatro não é praça de touros; ergo: a assuada não deve ser permittida.

O actor não é ludibrio, do espectador; ergo: o espectador não póde zombar do actor.

O theatro não é brinquedo de crianças, muito menos asylo de desmamal-as; ergo: as crianças menores de oito annos não devem ter ingresso no theatro.

Os gritos dos infantes casavam-se perfeitamente em outro tempo, com a declamação dos nossos actores; hoje, graças ao Snr. Emilio Doux, já os actores fallam, conversam, declamam, mas não gritam; ergo: a policia deve affastar do theatro esses *pequenos* modelos de *grande* gritaria, para que os nossos actores se não lembrem do passado; tendo-o á vista no presente.

A policia tem tirado ao povo o direito que lhe assiste d'aprovar ou reprovar, por meios justos, que a decencia não reprova, o desempenho d'um actor; e o povo, soberano no salão d'um theatro, soberania que deve ser respeitada quando exercida de modo que não toque o vexame, tem gritado contra quem lhe ha extorquido esse direito sagrado; mas o povo, que não tem querido supportar a voz d'uma cantora (embora seja bôa) por ser melhor que a da sua predilecta; o povo, que não tem perdoado ao artista faltas que ás vezes são filhas d'outrem; o povo, que tão exigente ha sido, ás vezes d'impossiveis, ainda não gritou contra a orchestra infernal dos *itos* acalentados nos corredores dos theatros com biliscões dados por uma ama desesperada por descansar as pernas, ou por uma *extremosa* mãi que não quer perder uma nota de musica!

O Snr. chefe de policia póde providenciar a respeito: quem tanto faz pelos peccadores, póde alguma cousa fazer pelos innocentes.

Consignar no regulamento uma cousa que devia estar entendida, isto é, prohibir a entrada de crianças menores de oito annos é uma medida justa, que se reclama do Snr. chefe de policia: aliás não mande



agarrar os que forem perturbados na platéa, se voltarem para o camarote convertido em roda de enfeitados, e depois de um *psio* lhe deram uma salva triplice de tacões de botas.

A ultima noite de espectáculo em São Januario esteve insupportavel n'este sentido; e como se isto não bastasse, dois cães ladravam na platéa, muito impunemente.

Os theatros precisam de policia da policia.

### 0 desperdicio da vida.

Anergo era um fidalgo de boa fortuna, educado na ociosidade. Não lhe cabia deparar com meios de consumir agradavelmente seus dias; não tinha nem propensão para algum dos exercicios ordinarios da vida, nem gosto por algum trabalho do espirito: passava communmente das vinte e quatro horas do dia, dez no seu leito: deixava-se ficar duas horas, ou trez horas ainda adormecido sobre um cama-pé, a tarde empregava algumas outras mais em beber, quando se achava em companhia de sua estofa, e as seis, que lhe restavam eram perdidas na maior indolencia. Seu emprego principal consistia em combinar a comida, e nutrir a imaginação com esperança de um jantar, ou de uma cêa; não que fosse um verdadeiro glotão, nem tambem homem dado exclusivamente ao prazer da meza; mas não lhe cabendo saber em que podia usar melhor dos seus pensamentos, os deixava vagar sobre estes cuidados materiaes. D'esta sorte, tinha o nosso fidalgo achado meio de gastar dez annos, contados da época, em que ficára senhor do seu patrimonio, e o que mais é, pelo abuso que se hoje faz das palavras, chamavam-o homem virtuoso; porque era tido por embriagar-se poucas vezes, e não demasiadamente inclinado á devassidão. Uma tarde, que se entregava a seus delirios, seus pensamentos tomaram uma direcção desacostumada: suas vistas se volveram sobre o passado e começou á reflectir sobre o seu genero de vida. Considerou que um grande numero de entes vivos tinha sido sacrificado á sua alimentação, e que uma enorme quantidade de trigo e de vinho tinha sido accrescentada a estes sacrificios.

Como ainda a memoria lhe conservava a lembrança de algumas regras de arithmetica, que em sua infancia lhe haviam ensinado, apprehendeu fazer um calculo do que sommava tudo quanto havia devorado até a idade de homem em que estava. « Pouco mais, ou menos uma duzia de creaturas emplumadas, pequenas, e grandes tem dado em cada somma, con-

tando uma por outra, as vidas, para prolongar a minha, o que em dez annos monta pelo menos a seis mil: cincoenta carneiros tem sido sacrificados por anno, com uma *meia catombe de gado*, cujas postas mais delicadas tem sido em holocausto offerecidas sobre minha meza. Assim, um milheiro de animaes foram immolados dos rebanhos, no espaço de dez annos, para me nutrir, não mettendo em conta os que as florestas me tem fornecido. Muitas centenas de peixe de toda a especie, e milheiros d'estes miudos tem sido privados da vida para as minhas comidas; uma medida de trigo difficilmente me forneceria para provisão de um mez farinha bem fina, o que faz 120 alqueires: muitos toneis de cerveja, vinho, e outros licores tem absorvido o meu corpo, miseravel passagem de tantos alimentos, e bebidas. » E que tenho eu feito durante todo este tempo, em serviço de Deos ou dos homens? Que profusão de bem para um ser indigno, e uma vida inutil! Não ha um só, ainda a mais vil de todas as creaturas, que hei devorado, que não tenha, melhor do que eu, correspondido ao fim de sua criação. Eram destinadas a alimentar o homem, isto fizeram. Cada marisco, cada ostra que comi, cada grão de trigo, que triturei, tem enchido seu lugar na escalla dos entes com mais propriedade e honra do que eu! O' perda ignominiosa de vida e tempo!

Anergo proseguiu em suas reflexões moraes com tanta justeza e severidade que se deu ao trabalho de mudar todo o seu genero de vida, de acabar por uma vez com suas extravagancias, e adquirir alguns conhecimentos uteis, posto que já tivesse chegado á casa dos trinta annos.

Viveu longo tempo ainda, como homem de honra, e christão excellente; de inutil que era, tornou-se util ao proximo, e no senado desempenhou o brilhante papel de patriota. Morreu com sua consciencia tranquilla, e o seu tumulo foi regado das lagrimas de seus concidadãos. Todos quantos sabiam a historia de sua vida ficaram abysmados de uma mudança tão completa, e olharam a sua refórma como milagrosa: elle mesmo o reconheceu, e adorou a mão do Omnipotente, agradecendo-lhe tél-o transformado em homem, de bruto que era.

Porém um exemplo tal é extraordinario: poder-se-hia aventurar a chamal-o um milagre. Quantos jovens de ambos os sexos n'este seculo corrompido não ha, cuja vida some-se em uma perda total, sem que uma ultima reflexão sobre si mesmos os decida a fazerem-se uteis? Quando eu encontro semelhante gente, despertam-se-me na memoria alguns versinhos de Horacio.



*Nos numeri sumus, et fruges consumere nati.....  
Alcinoique..... juvenus.*

*Cui pulchrum furto in medios dormire dies, &c.*

BENJAMIN FRANKLIN.

### A modista.

E' opinião do proprio bello sexo que o inimigo mais temível da casada, da noiva, e até da mulher do mundo, é a modista. E apesar d'isto, quantas não teem tido a ventura de se apresentarem ante a ara nupcial sem mais encantos que os que lhes preparou a agulha da modista! Quantas ahi não *ficariam para tias*, se a modista não houvera feito desaparecer a distancia que ha entre o celibato e o matrimonio!

Artista incansavel, fiel imitadora do bello, não ha difficuldades que não aplane, obstaculos que não vença, defeitos que não encubra, e fealdades que não torne em formosuras. A menina de cintura mais grosseira, de fórmãs mais imperfeitas, sujeita á intelligente tesoura da modista, torna-se esbelta, airosa e engraçada, e adquire attractivos que seduzem e encantam. A modista é o *Morok* dos defeitos da mulher. Não ha nada que possa comparar-se á custureira que toma conta de um corpo desairoso cuja natureza rude e selvagem carece de um domador! Oh! Então de cada tesourada brota uma graça, de cada ponto um attractivo, e pondo e cortando, inventa, desfigura, supprime, encobre, aperta, iguala, alarga, harmonisa e tira do cahos da imperfeição um corpo novo, esbelto e elegante.

E apesar d'isto a mulher, que é obra sua, é o seu mais encarniçado inimigo! Será porque a modista é senhora dos seus defeitos? Não, não é; é porque a modista é a mulher modelo; é porque o seu donaire aristocratico reúne uma illustrada franqueza amorosa; é porque armando o corpo da marquezia, tomou d'ella o ar de senhora; é porque vestindo a comica aprendeu o olhar terno e significativo menear da cabeça; é porque provando a saia á bailarina estudou o modo de requebrar a cintura e descobrir a botica de polimento, é porque senhora de todos os attractivos que vende ás suas inimigas reservou para seu uso particular o de querer e não querer, o de oferecer e não dar. Por isso sempre que o homem a procura ella se occulta.

N'um baile vereis a modista com um vestido pobre e singelo, porém nenhum será mais airoso, nenhum mais á moda nem mais bem posto. Por isso tambem os noivos lhe apparecem aos centos, e os amantes aos milhares.

Tendes razão, mulheres; a modista rouba-vos o amor dos vossos amantes; porém é mister confessal-o, é ella quem os prende a vossos pés. A sua agulha será fatal para vós, quando cose os seus vestidos: porém, quando se dedica aos vossos, é o iman que attrahe os vossos adoradores!

No vestir está metade da formosura.

### Epitaphio de um Romano.

Alguns trabalhadores, fazendo uma excavação em Constança, na Alegria, encontraram um tumulo antigo, que mostrava ser de um cidadão romano. Não offerecia particularidade alguma notavel na construção, porém a inscripção que está escripta em hexametros e pentametros, parece tão curiosa que vale a pena dar uma traducção. E' esta: « Eu Procilio, cujos restos aqui repousam, digo a verdade n'estes versos. Passei uma vida sem incommodo, exercendo minha profissão de ourives de prata em uma casa em Certe. Fui sempre da maior probidade e da maior franqueza para qualquer homem. Não tenho nada de que me queixar, porque sempre fui alegre e sempre feliz até a morte de minha casta Valeria. Celebrei com honra e em prosperidade cem anniversarios de meu nascimento, e por fim chegou o meu dia final em que o meu corpo enfraquecido o tornou feliz. As linhas que estaes lendo agora eu compuz quando era vivo, concedendo-me fazel-o a deosa Fortuna, que nunca me abandonou: segui a vereda que eu segui. »

### Herança de quatro seculos.

No cerco de Bouvignes, em 1455, o duque de Brabante fez prisioneiro um fidalgo chamado Legrain, porém em vez de tirar-lhe a vida, como podia fazer, o duque consentiu em poupal-a sob condição de receber todos os seus bens. Legrain cedeu tudo o que possuia, porém estipulou que no fim de quatro seculos voltaria á sua familia. O duque não fez objecção. Os quatro seculos espiram no mez de julho, e já muitas pessoas, apresentando-se como decendentes de Legrain, preparam-se para tomar conta dos bens.

### Estrada de ferro submarinha.

Já ha muito que se pretende unir a França com a Inglaterra por uma estrada de ferro submarinha. O ultimo projecto é do Dr. Poujerne, o qual com quarenta barcos subaqueos, dos quaes é elle o inventor, 1,500 marinheiros, 434 jardas cubicas de material, e despeza de 10,000:000 libras, emprehenheu construir um *tunel*, por cujo meio o estreito, que separa os dous paizes, póde ser atravessado em 32 minutos.

A posição d'esse *tunel* seria sem duvida quasi paralella á do telegrapho electrico e contigua á elle, por ser a parte mais estreita do canal, e aquella em que a profundidade d'agua é menor.

TYP. FLUMINENSE DE D. L. DOS SANTOS.

Rua dos Ciganos, N.º 23.